



# Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

## A IMPORTÂNCIA DOS MOVIMENTOS DE UNIDADE PARA O DERRUBAMENTO DO FASCISMO

por RUAS

Podemos dizer, duma maneira geral, que os nossos camaradas ainda não têm uma compreensão justa da importância fundamental e decisiva dos movimentos de unidade dos democratas. Só esse facto poderá explicar a razão por que muitos camaradas não vivem o problema da unidade, desenvolvendo poucos ou nenhuns esforços no sentido de consolidar e alargar a unidade com todos os anti-fascistas, a unidade com todos os portugueses e portuguesas que, de uma maneira ou de outra, estão dispostos ou têm condições para se levantar contra a política do fascismo.

E, no entanto, já em Junho de 1947, o nosso querido dirigente, camarada Duarte, dava ao seu informe ao Comité Central o título significativo de «Unidade, Garantia da Vitória». Recentemente, em Dezembro de 1953, o camarada Ramiro deu o nome de «A Unidade conduz à Vitória» a uma breve análise da situação política.

Em que consiste a importância da unidade, que é tão grande que lhe confere a categoria de ser a garantia da vitória, de conduzir à vitória?

O nosso objectivo imediato, a preocupação actual do P.C.P. é o derrubamento do fascismo — principal obstáculo no caminho da Paz, da Democracia e da Independência Nacional. Ora, como justamente salientou o Comité Central do P.C.P., no seu manifesto «O Partido Comunista Português e as Próximas «Eleições» para Deputados», de Março de 1953, o derrubamento do fascismo não pode ser apenas obra do Partido. Essa tarefa grandiosa só será possível pelos esforços conjuntos de todos os anti-fascistas, pela formação de uma ampla frente democrática de libertação nacional. Daí a importância fundamental e decisiva do problema da unidade.

Todos sabemos que a unidade se forja e se tempera na luta. Por isso, a unidade que conduzir à vitória sobre o fascismo só pode ser uma unidade de acção. Mas para actuar é indispensável organizar. Como verificamos, o aprofundamento do problema de como derrubar o fascismo conduz-nos à questão dos movimentos de unidade.

É evidente que não pode haver uma única organização de unidade, já que os motivos que levavam os portugueses e portuguesas honrados contra o fascismo são dos mais diversos.

O fascismo leva a cabo uma política desenfreada de preparativos de guerra; por isso, há portugueses e portuguesas que se levantam na luta em defesa da Paz.

O fascismo vende, a troca de dólares, o território e as riquezas do nosso País; por isso, há portugueses e portuguesas honrados que se levantam patrioticamente na luta pela Independência e Soberania nacionais.

O fascismo suprimiu todas as liberdades; por isso, há portugueses e portuguesas que se levantam na luta pela conquista das liberdades democráticas.

O fascismo esmaga os direitos das mulheres e da juventude; por isso, há mulheres e jovens que se le-

vantem na luta pela conquista dos seus direitos.

O fascismo condena as massas trabalhadoras à maior exploração e miséria, e as classes médias a uma situação cada vez mais intolerável; por isso, há portugueses e portuguesas de todas as classes exploradas e oprimidas que se levantam em luta pelo Pão, pela Terra, contra a crise.

O fascismo desencadeia o terror e a maior repressão sobre todos os que se opõem aos seus criminosos desígnios; por isso, há portugueses e portuguesas que se levantam indignados em defesa da vida e pela libertação dos presos políticos.

Estes diversos motivos de luta levaram, quando amadureceram, ao aparecimento de distintas organizações de unidade: Movimento de Defesa da Paz, Movimento Nacional Democrático, Movimento de Unidade Democrática Juvenil, Movimento das Mulheres Portuguesas, Movimento de Assistência aos Presos Políticos, Comissões de Unidade Sindical, Reivindicativas, etc.

Se, por um lado, a luta pelo derrubamento do fascismo não pode ser levada a cabo só pelo Partido Comunista, por outro lado, não é menos certo que aquela luta só terá êxito se for encabeçada pela classe operária, pelo seu deslancamento de vanguarda — o Partido Comunista.

Isto quer dizer que os comunistas devem desenvolver os maiores esforços para auxiliarem fraternalmente as organizações de unidade, consolidando-as e alargando-as. Na medida em que isso se não verifica, os comunistas não estão a realizar a sua missão histórica, não estão a ser dignos do honroso título de comunistas.

A que serão devidas as deficiências apontadas?

Em primeiro lugar, essas deficiências são devidas a um ainda baixo nível ideológico e político das camaradas. Se esses camaradas tivessem uma compreensão justa de que a unidade é a garantia da vitória, de que a unidade é só a unidade conduz à vitória, naturalmente mostrariam mais interesse e viveriam muito mais os movimentos de unidade.

Em segundo lugar, essas deficiências são devidas ao sectarismo dos camaradas. Se esses camaradas não fossem sectários, se compreendessem bem a importância fundamental e decisiva da unidade, naturalmente não se deixariam isolar, não se sentiriam bem só entre camaradas, mas procurariam por todas as maneiras contactar com outros anti-fascistas, esclarecendo-os e organizando-os em movimentos de unidade.

Em terceiro lugar, essas deficiências são devidas a um baixo espírito de classe. Se esses camaradas estivessem imbuídos de um verdadeiro espírito militante, de um verdadeiro espírito comunista, se fossem activos e dinâmicos, naturalmente não adormeceriam no trabalho de rotina e se lançariam audaciosamente na realização de tarefas tão fundamentais para a li-



bertação do nosso povo das garras do fascismo.

Impõe-se, por consequência, que o problema da unidade, que a importância fundamental e decisiva dos movimentos de unidade para o derrubamento do fascismo, seja discutido em todos os organismos do Partido, relacionando-o concretamente com as diferentes organizações de unidade existentes, no sentido de serem atacadas com êxito as graves deficiências que se

verificam neste aspecto do nosso trabalho.

Será na medida em que assim procedermos que abriremos o caminho para a constituição de uma ampla frente nacional democrática de luta pela Paz, pelo Pão, pela Terra, pela Democracia e pela Independência Nacional, que conduzirá ao derrubamento do fascismo e à instauração de um Governo Democrático de Unidade Nacional no nosso País!

GES  
PCP

## BREVE ANÁLISE

# AS ÚLTIMAS LUTAS DOS OPERÁRIOS CORTICEIROS

por AMILCAR

As lutas travadas nos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 1953 pelos operários e operárias corticeiros de algumas fábricas de Lisboa, Amora, Seixal e Montijo contra os despedimentos e a redução dos dias de trabalho, representam uma nova e importantíssima contribuição para o alargamento da luta da classe operária por Pão ou Trabalho à escala nacional.

No decorrer dessas lutas ficou demonstrado, mais uma vez, que o governo fascista de Salazar e o grande patronato querem que sejam só os trabalhadores a sofrer as consequências dolorosas da crise em que se debate toda a produção de paz. Ora, como é sabido, os responsáveis pela crise não são os trabalhadores, mas, sim, o governo salazarista e o grande patronato reaccionário que ele representa, pois seguem de há muito uma criminosa política de guerra e de discriminação comercial, o que tem impedido e impede a realização de um comércio proveitoso para o nosso país com a União Soviética, República Popular da China, Polónia, Checoslováquia, Roménia, Hungria, Bulgária, etc. O estabelecimento de relações comerciais normais com estes países daria trabalho durante o ano a muitos milhares de trabalhadores portugueses da cidade e do campo.

Nestas condições, foi e continua a ser inteiramente justa e necessária a luta dos operários e operárias da Sociedade Nacional de Cortiça de Lisboa, da Mundet da Amora e do Seixal, das fábricas Infal, Duarte e dos Ingleses, do Montijo, e de outras contra o encerramento das fábricas, contra os despedimentos e a redução dos dias de trabalho, que os únicos responsáveis pela crise lhes queriam e continuam a querer impor.

Por outro lado, a luta dos operários e operárias corticeiros por relações comerciais livres com os países atrás citados, é uma verdadeira luta pela defesa dos interesses nacionais. Isto põe mais uma vez a claro que os interesses da classe operária se identificam cada vez mais com os interesses da Nação, ao passo que os interesses da grande burguesia se mostram contrários aos interesses nacionais. Vê-se, assim, que a luta dos operários corticeiros por Pão ou Trabalho, por melhores condições de vida e de trabalho, tem tomado também um aspecto altamente patriótico.

No decorrer das últimas lutas dos operários e operárias corticeiros ficou mais uma vez demonstrado que patrões e governo se dão as mãos estreitamente na luta contra a classe operária. Os patrões, os delegados do INT e as forças repressivas (particularmente na Amora, Seixal e Montijo) actuaram sempre em comum para roubar e enganar os operários. Quando isto não dava resultado, como, por exemplo, na Mundet da Amora e do Seixal, as forças repressivas, PIDE e GNR, passaram a intimidar abertamente, com vista a quebrar a resistência dos operários e levá-los a abandonarem a luta pela defesa do seu pão e do pão dos seus filhos.

Nestas condições, os operários e operárias corticeiros puderam verificar, com os seus próprios olhos e à custa da sua própria experiência, que só a luta organizada e a união de todos os operários em volta das suas Comissões de Unidade (e em Comissões de greve, se os operários forem obrigados a recorrer à forma superior de luta que é a Greve) torna possível a defesa dos seus interesses de classe, conquistar melhores condições de vida e de trabalho, fazer frente, com sucesso, à acção repressiva do governo e do patronato reaccionários. Os operários e operárias corticeiros puderam constatar também, mais

uma vez, quanto é justa a orientação do Partido Comunista ao indicar que a luta traz sempre resultados positivos, nem que sejam obtidos um pouco mais tarde. O caso da readmissão de 53 operários da Mundet da Amora, que tinham sido despedidas e dos operários da secção de precha da Mundet do Seixal que estavam a 4 dias e que, um mês depois da luta, passaram a trabalhar 6 dias por semana, é disso mais uma comprovação.

Os patrões, os delegados do I.N.T. e as forças repressivas fizeram tudo para impedir a constituição das Comissões de Unidade, primeiro, e para as separar das massas, depois, ora com palavrinhas mansas, ora com ameaças de violências.

Vê-se, assim, quanto é justa a orientação do Partido ao indicar que as Comissões de Unidade devem ser eleitas ou escolhidas pela grande maioria ou pela totalidade dos trabalhadores de uma dada secção, fábrica ou empresa, e não apenas por uns tantos trabalhadores mais combativos. As Comissões de Unidade devem ser conhecidas e apoiadas pela grande maioria dos operários de determinada empresa ou fábrica e não apenas por uma pequena parte deles. Fortemente ligadas às massas e apoiadas por elas, as Comissões de Unidade não se deixarão manobrar pelos representantes do governo e do patronato.

No decorrer das lutas dos operários e operárias corticeiros verificou-se um insuficiente conhecimento da situação da classe corticeira, em muitos dos seus aspectos, por parte dos militantes do Partido. É necessário ter isto na devida conta, de forma a que cada militante e simpatizante do Partido passe a conhecer bem a situação dos seus companheiros de trabalho, todas as suas magras regalias e direitos, para assim os poder esclarecer na luta pela sua defesa e para se não ser apanhado de surpresa com despedimentos ou outros atentados contra os operários. As Comissões de Unidade devem, uma vez eleitas ou escolhidas, aprender imediatamente tudo quanto respeite a direitos e regalias dos operários, para melhor poderem dirigir a luta. Importa, pois, que contratos de trabalho, despachos e portarias sobre salários e condições de trabalho, estatutos dos sindicatos, etc., sejam estudados. Só conhecendo bem a situação da classe operária e as intenções do patronato e do governo, se pode orientar com justiça as suas lutas pela defesa dos seus interesses de classe. O exemplo dado pelos operários da Infal, que se apresentaram nas concentrações junto do patrão e no sindicato com um exemplar do contrato, de que se souberam servir quando os queriam esbulhar das suas magras regalias, deve ser seguido por todos.

\* \*

Os operários e operárias corticeiros de Lisboa, Seixal, Amora e Montijo, deram, mais uma vez, magníficos exemplos de luta a todo o proletariado português. As vitórias parciais alcançadas pelos operários e operárias da Sociedade Nacional de Cortiça, de Lisboa, da Mundet da Amora e do Seixal, e a grande vitória alcançada pelos operários da Infal do Montijo, mostraram que é inteiramente possível lutar vitoriosamente contra o desemprego total e parcial e impedir, assim, que aumente a miséria nos lares dos trabalhadores. Mostraram também que é possível lutar vitoriosamente por melhores condições de vida e de trabalho.



Todavia, o decorrer das lutas revelou algumas deficiências, tanto no aspecto orgânico, como no de orientação, que importa analisar.

Assim, as operárias despedidas da Sociedade Nacional de Cortiça escolheram apenas três mulheres para a sua Comissão de Unidade, quando deveriam ter-lhe dado um carácter mais largo. Por outro lado, orientaram a sua luta em demasia para o Tribunal de Trabalho, não se dando conta que os tribunais, mesmo os de trabalho, são instrumentos do capital contra os interesses dos trabalhadores, em vez de a serem orientados mais acenadamente para a empresa — para as reclamações massivas junto dos patrões.

Uma gravíssima deficiência destas valentes operárias, assim como das suas companheiras e companheiros da Mundet da Amora e do Seixal, consistiu em não terem sabido servir-se dos sindicatos na sua justa luta contra os despedimentos e a redução dos dias de trabalho. As concentrações nos sindicatos para os operários discutirem os seus problemas, elegem as suas Comissões de Unidade ou reafirmarem a sua eleição ou escolha, para resolverem, em assembleia, a direcção a seguir e forçarem as direcções dos sindicatos a apoiarem as suas reivindicações, são imprescindíveis para se alcançar a vitória, parcial ou total.

Naturalmente que o principal campo de batalha dos operários pelas suas reivindicações deve ser a empresa. Saber aliar sempre a acção na empresa, por meio de concentrações, com a acção nos sindicatos, igualmente por meio de concentrações massivas, eis a justa orientação. Isto não contradiz, antes pressupõe, que se recorra, sempre que as condições estejam criadas, a formas superiores de luta, como a redução da produção, pequenas paralizações de trabalho e a greve mais ou menos larga e prolongada.

As acções junto do Tribunal de Trabalho têm apenas por fim obter uma indemnização, conforme os contratos e os despachos ministeriais. Ora, aos operários o que interessa é trabalho garantido 6 dias na semana. É certo que, em dado momento, um, dois ou três conflitos podem resolver um ou outro problema mais difícil de determinados operários ou operárias, mas passado pouco tempo, nada resta: nem dinheiro, nem trabalho, nem as magras regalias conquistadas à custa de tantos esforços e sacrifícios no decorrer de muitas lutas da classe. Por isso, apenas se deve ter presente a luta por trabalho para todos 6 dias na semana, contra o encerramento das fábricas. Nisto os operários põem à prova, não apenas a sua disposição de se não deixarem morrer pela fome e aos seus,

mas também o seu patriotismo.

Fica assim demonstrado que as acções junto do Tribunal de Trabalho, a terem lugar, devem ser encaradas apenas como um aspecto complementar da luta junto da empresa e do sindicato.

Ao contrário, já nas fábricas Duarte e dos Ingleses, no Montijo, a luta dos valentes operários corticeiros foi orientada quase exclusivamente para o sindicato e INT. Desta forma, a luta foi enfraquecida por falta de acções massivas e decididas junto do patronato, e os operários não puderam alcançar todos os frutos da sua luta.

Na Infal, a luta seguiu, no fundamental, uma orientação correcta desde o princípio ao fim. Os operários souberam aliar correctamente a luta junto da empresa, do patrão, por meio de concentrações massivas, com a luta junto do sindicato, (onde tiveram que forçar a entrada, ocupando-o, pois, «a casa era tua e não queriam ficar na rua») igualmente por meio de concentrações massivas. Actuando sempre todos unidos, nunca se separando, quer junto do patrão, quer junto do sindicato, quer ainda junto do INT, por intermédio da sua Comissão de Unidade, por tudo isto, foi possível aos operários da Infal alcançar, ao fim de 15 dias consecutivos de luta, a reabertura da fábrica e 6 dias de trabalho por semana para todos.

Um outro aspecto deficiente, durante as lutas que vimos tratando, está em não se ter conseguido a sua unificação, já não dizemos à escala regional, mas apenas à escala local, como, por exemplo, dos operários das fábricas Infal, Duarte e Ingleses, no Montijo, e da Mundet na Amora e no Seixal. Esta deficiência, que impossibilitou os operários e operárias corriqueiros de alcançarem maiores vitórias, tem a sua causa fundamental na debilidade das organizações do Partido e na insuficiente organização dos operários e operárias em Comissões de Unidade ligadas às massas e compostas pelos operários e operárias mais honestos, combativos e valentes. A debilidade das organizações do Partido ficou demonstrada no insuficiente auxílio orientador que deram aos operários em luta e na falta de rapidez de decisão tão necessária nestes momentos. Importa, pois, tomarem-se as resoluções necessárias para se vencerem rapidamente estas deficiências. Uma larga discussão crítica à forma como decorreram as lutas dos operários corriqueiros, eis o caminho indicado para se encontrarem as justas soluções para vencermos as deficiências próprias e indicarmos à classe corticeira a melhor forma de vencer as suas.

## FOMENTEMOS AS INICIATIVAS E OS FUNDOS AUMENTARÃO



por LUCAS

Com o agravamento da situação política, o fascismo procura atingir cada vez mais durante o Partido, com vista a impedir a sua luta pela libertação do povo português, pelo Pão, pela Paz e pela Democracia.

Tal situação impõe ao Partido uma maior defesa do seu aparelho de agitação e propaganda e de todos os seus quadros e organizações. Mas, para que o Partido o possa fazer com êxito e possa melhorar o seu trabalho político, é preciso aumentar mais e mais os fundos do Partido. E porque assim é, o nosso Partido continua a colocar a todas as organizações a tarefa de nos seus sectores de actividade criarem as mais variadas iniciativas no sentido de aumentarem as receitas do Partido.

Sobre a aquisição de fundos, há organizações que não dão a sua contribuição como podiam e deviam, devido a vários factores. Assim, numa organização havia graves incompreensões de alguns camaradas responsáveis que subestimavam nas suas reuniões a discussão desta importante tarefa, do que resultava não se tomarem medidas práticas com vista a angariar-se fundos e não se realizarem as tarefas ou iniciativas ema-

nadas dos organismos dirigentes do Partido.

A dois camaradas responsáveis numa célula foram distribuídas rifas para passar. Pois estes camaradas não fizeram um esforço para vender uma única rifa, o que nos mostra que nem ao menos sentiram a necessidade de ficarem com uma rifa cada. A posição destes camaradas não revela apenas uma incompreensão, mas também falta de dedicação ao Partido.

Numa outra célula de empresa foram entregues pelo camarada controlador 75 rifas para passar. Os elementos desta célula acharam muitas e pretenderam ficar apenas com 25, porque iriam ter dificuldades em passá-las, visto que os operários se negavam a ficar com elas. No entanto, na mesma empresa foram entregues 25 rifas a uma operária sem partido e, apenas numa volta que deu, passou todas as rifas aos operários e operárias, aqueles que os nossos camaradas diziam que se negavam a ficar com elas. Afinal, o que nos revela isto senão sectarismo e falta de confiança nas massas? Estes camaradas não vêem que esta e outras iniciativas são uma forma de ligar o Partido às massas sem partido, de



as levar a dar a sua contribuição e participação à luta pela sua libertação.

Também numa organização, por um deficiente controle de execução às iniciativas, tem-se verificado demoras consideráveis na entrega do dinheiro. Isto sucede, porque os camaradas não se educaram na liquidação rápida dos fundos após essas iniciativas terminarem. Para que estas deficiências se não voltem a repetir, impõe-se que levemos a cabo um bom controle de execução a esta importante tarefa.

Agora, vejamos alguns exemplos positivos e interessantes de algumas organizações sobre a aquisição de fundos e a compreensão da necessidade de uma ampla ligação do Partido com as massas sem partido.

Os camaradas de determinada organização nunca passavam mais de 250 a 300 rifas das 1.000 que recebiam, levantando sempre dificuldades; alguns camaradas chegaram a entregar aos seus controladores todas as rifas, depois de terminar o seu prazo legal de venda, e nem sequer com uma ficavam para si. Esta situação verificava-se pela seguinte razão: a maioria dos nossos camaradas tinham a errada ideia de que os prémios das rifas não existiam. Por isso, os camaradas não as vendiam e alguns nem com uma ficavam, com receio de que o prémio saísse e não o tivessem para dar. Ora esta ideia não é justa e vai contra os princípios de honestidade e verdade seguidos pelo nosso Partido. Estas concepções erradas são bastante perigosas para a ligação e mobilização das massas e para o prestígio do Partido junto delas, e por isso devem ser radicalmente eliminadas.

O Partido levou à discussão estas ideias falsas. Depois da ajuda que lhes foi dada, os nossos camaradas passaram a receber 1.000 rifas e venderam-nas quase todas. Daqui tiramos mais uma vez a seguinte experiência: quando fazemos um bom trabalho de discussão colectiva das nossas tarefas, as organizações cumprem e os resultados são sempre positivos.

Numa outra organização do Partido pensou-se em concretizar determinada iniciativa para conseguir fundos. Os camaradas convidaram vários homens sem partido que desempenharam papel importante, sob a orientação dos nossos camaradas, na realização dessa iniciativa, trabalhando inteligentemente. Mais tarde, os elementos dessa organização disseram que novos ensinamentos colheram em contacto com esses homens sem partido e hoje reconhecem, por sua própria experiência, a justeza da palavra de ordem do nosso Partido: **LIGUEMO-NOS ÀS MASSAS SEM**

## PARTIDO.

Das raparigas a quem foram distribuídas 40 rifas venderam-nas rapidamente, sem qualquer dificuldade.

Um militante do Partido pediu a um operário que lhe passasse 30 rifas. Passados dias este operário apareceu junto do nosso camarada com o dinheiro das rifas, dizendo que as tinha vendido todas muito bem.

Numa célula de empresa, dois camaradas mantêm há vários meses uma iniciativa que muito tem contribuído para o aumento da receita dessa organização, e recentemente um desses camaradas deu-nos mais um belo exemplo de dedicação e compreensão das dificuldades financeiras do nosso Partido, passando 175 rifas, e outro camarada 100, de uma iniciativa extraordinária da sua organização.

Numa célula de empresa, depois de alguns camaradas andarem a vender uma rifa, outro camarada, indo atrás deles com outra rifa, conseguiu vender 40, dando-nos mais outro exemplo de como é possível realizar com êxito todas as iniciativas do nosso Partido e que, depois duma boa discussão e elucidação, as massas sem partido não se recusam a contribuir. Muitos camaradas dizem que as massas estão fartas de rifas e se negam a comprá-las. Os exemplos citados desmentem tais afirmações. Os camaradas desculpem-se com as massas, querendo atribuir-lhes as deficiências e pensamentos que eles próprios apresentam.

Devemos continuar a fomentar em todas as nossas organizações amplas discussões sobre as dificuldades financeiras do nosso Partido. Todas as células do nosso Partido devem sempre levar a cabo iniciativas como: rifas, festas, rubricas, grupos de amigos do Partido, etc. Todos os militantes e simpatizantes do Partido devem aumentar o seu auxílio mensal e contribuir extraordinariamente para ajudar o Partido a vencer as suas enormes dificuldades e a conduzir o nosso povo para o derrubamento do fascismo.

A experiência do nosso Partido mostra-nos que é possível levarmos a cabo todas estas iniciativas, mas, para isso, contribuíram muito as reuniões colectivas de todas as organizações e um bom controle de execução, do topo à base, à actividade de todos os nossos camaradas. Se cumprirmos esta importante tarefa, asseguraremos o prosseguimento de todas as outras tarefas do Partido. E assim caminharemos mais rapidamente para o derrubamento do fascismo e para a instauração em Portugal de um Governo Democrático de Unidade Nacional.



## FAÇAMOS DA LIGAÇÃO COM AS MASSAS A BASE DA DEFESA DO NOSSO PARTIDO!

por FREITAS

Na IV.<sup>a</sup> Reunião Ampliada do Comité Central do nosso Partido constatou-se um grande progresso em todo o Partido na luta contra a provocação e no aumento da vigilância revolucionária de classe dentro do Partido.

Um tal progresso foi conseguido à custa dum grande esforço da Direcção do Partido no sentido da elevação do nível político e ideológico do Partido, particularmente dos seus quadros mais responsáveis, levando-o a compreender os problemas resultantes da agudização da luta de classes.

Mas continuam a subsistir incompreensões graves nalguns camaradas que podem pôr em risco a segurança do trabalho do Partido, a segurança desses camaradas e das organizações a que pertencem, caso não sejam rapidamente eliminadas tais incompreensões.

Há camaradas que, pelo seu baixo nível político e ideológico, pela sua falta de firmeza política, pelas suas incompreensões quanto à única atitude digna que as pessoas honradas devem tomar face aos traidores, provocadores e todos os inimigos do Partido e do povo, mantêm contactos pessoais com elementos influenciados por esses inimigos, ouvindo passiva-

mente os ecos das calúnias contra o nosso Partido, não se dispondo a tomar a atitude que em tais casos se impõe — esclarecer tais pessoas, se se trata de gente honesta, subtraindo-as assim à influência do inimigo, ou cortando com elas em caso contrário. Procedendo como procedem, estes camaradas facilitam a acção desagregadora dos inimigos do Partido e servem de ponte entre o campo do inimigo e o Partido.

Há camaradas que não levam até à base do Partido e até junto das massas a discussão dos problemas da vigilância revolucionária, não estudam os problemas que nos seus sectores podem pôr em risco a segurança das organizações e não ajudam os camaradas mais atrasados politicamente a vencer as suas incompreensões no aspecto da vigilância revolucionária. Há camaradas que aplicam duma forma mecânica a orientação do Partido, falando da vigilância revolucionária em abstracto, sem a compreenderem na prática, o que conduz, quase sempre, ao cometimento dos erros mais grosseiros.

Os camaradas que aplicam duma forma mecânica



a orientação do Partido na luta contra a provocação, metem no mesmo saco da provocação as pessoas que manifestam incompreensões por baixo nível político, mas que são susceptíveis de serem esclarecidas. É o caso dum camarada duma empresa onde chegou o eco das calúnias contra o Partido que ficou desorientado ao ouvir tais calúnias e manifestou vacilações. Os camaradas responsáveis da organização agiram em relação a ele como se se tratasse dum provocador, afastando-o. Porém, a Direcção do Partido não sancionou esta medida, mas, pelo contrário, decidiu que o referido camarada fosse pacientemente esclarecido. Em resultado deste trabalho de esclarecimento, o camarada foi completamente subtraído à influência dos provocadores, restabelecendo a confiança no Partido e na sua Direcção. Se fosse por diante a orientação inicialmente traçada, este camarada teria sido empurrado para os braços da provocação.

Outro exemplo da aplicação mecânica da orientação do Partido na luta contra a provocação e de falta de vigilância revolucionária lá onde ela se impunha, é o caso dum camarada controlreiro duma importante organização do Partido que tachava de traidores e provocadores dois elementos politicamente débéis que haviam sido afastados por não terem tomado as medidas que o Partido lhes indicou para a sua defesa. Enquanto este camarada procedia assim para com elementos cuja acção nada tinha de comum com os provocadores, mantinha, por outro lado, contactos partidários regulares com outro camarada cuja mulher trabalhava em casa dum agente da Pide, não relacionando este caso com os problemas da vigilância revolucionária e não o relatando quando no organismo a que pertence se discutia este ponto da ordem de trabalhos.

Há camaradas que substituem o verdadeiro carácter do fascismo, a acção da Pide e de todo o aparelho repressivo do salazarismo na sua acção criminosa e desesperada contra o Partido e as forças da Paz no nosso país. Tais camaradas criam ideias legalistas na sua actividade partidária, substituem as regras conspirativas desde há muito estabelecidas dentro do Partido, tornando-se presa fácil para o inimigo, facilitando assim a sua acção repressiva contra o nosso Partido. É o caso dum camarada que, sendo responsável duma organização e desrespeitando as indicações que lhe haviam sido dadas, participou activamente num trabalho de agitação no seu sector pelo que chamou sobre si a atenção dos bufos e espíes locais. Ao ser criticado pelo seu controlreiro, como não manifestasse inteiro reconhecimento da gravidade desta falta de disciplina e da concepção legalista que a tinha originado, foi decidido cortar temporariamente os contactos com ele. Pode dizer-se que esta medida enérgica tomada a tempo evitou maiores prejuízos ao Partido uma vez que este camarada passou a andar vigiado pela policia, sendo preso pouco tempo depois.

Estes factos mostram-nos, em primeiro lugar, o atraso político e ideológico em que alguns camaradas se encontram relativamente aos problemas resultantes da agudização da luta de classes e quanto à necessidade de estarmos vigilantes do topo à base do Partido, coraçando-o contra as infiltrações de agentes do inimigo nas suas fileiras.

Estes factos demonstram-nos que há camaradas que não estudam convenientemente os materiais publicados pelo nosso Partido no sentido de armar todos os seus militantes com a experiência de todo o Partido na luta contra a provocação, não discernem este problema nas suas organizações, permitindo assim que, pelo seu lado, se mantenha aberta uma porta por onde a provocação pode penetrar nas nossas fileiras.

Estes factos demonstram-nos também que o nosso Partido não pode transigir com faltas de disciplina que se manifestem na actividade dos seus militantes. Manifestações de indisciplina em matéria conspira-

tiva, como o exemplo atrás referido, são verdadeiros crimes contra o Partido e tomam aspectos provocatórios na medida em que facilitam a acção criminosa do fascismo contra o nosso Partido.

Como o Partido tem afirmado inúmeras vezes, a melhor defesa do Partido está na sua ligação estreita com as massas.

Sendo o nosso Partido um partido de massas, a sua defesa tem de estar confiada fundamentalmente às próprias massas, a vigilância revolucionária tem de assentar na vigilância das massas. Por não compreender esta verdade ainda recentemente um camarada admitia a ideia de que, para o Partido saber o que fazem e dizem os provocadores e inimigos do Partido e do povo, era um método aconselhável que um ou outro dos nossos camaradas mantivesse relações com eles. Esse camarada confundia assim o nosso Partido com uma vulgar organização de espionagem e não compreendia que ao Partido não interessa trazer para o seu seio a voz dos inimigos do Partido.

Os provocadores e inimigos do povo, sabendo que o nosso Partido mergulha as suas raízes no seio das massas, procuram confundir-se com estas, para desenvolverem a sua miserável acção provocatória. Desde que o Partido esteja estreitamente ligado às massas e as esclareça, tanto basta para que a acção dos provocadores seja desmascarada e para que estes não possam pôr pé em ramo verde. A vigilância revolucionária tem de assentar, portanto, na vigilância das massas e não apenas na vigilância deste ou daquele camarada isoladamente. Sabemos em cada sector levar à discussão até junto das massas os problemas da vigilância revolucionária e veremos que as massas saberão defender o seu Partido. Desmascaremos os bufos e os provocadores junto das massas e veremos como as massas lhes farão a vida negra, liquidando o trabalho miserável desses inimigos do povo. Um exemplo mostra a verdade desta afirmação: Depois de desmascarado junto da classe operária, o provocador Gabriel Pedro convidou alguns maritimos a irem a sua casa para ouvirem as suas calúnias contra o Partido. Desnecessário será dizer que nem um desses trabalhadores aceitou tal convite e não só não pagaram essa provocação como discutiram mais profundamente os verdadeiros intentos deste provocador, vindo-se a apurar, com tal discussão, que desde há muito ludibriava os trabalhadores, servindo-se do nome do Partido.

Como o Partido nos tem ensinado e como foi vincado na IV.<sup>a</sup> Reunião Ampliada do nosso Comité Central, a melhor forma de defender o Partido, a melhor forma de despertar a classe operária para a necessidade de estar vigilante na defesa do seu Partido, é o desencadeamento de lutas de massas, pela Paz, pelo Pão e pela Democracia. Os inimigos do Partido são os inimigos dos trabalhadores. Na medida em que o Partido se ligue estreitamente às massas e as oriente na luta, os inimigos dos trabalhadores ou os seus falsos amigos são forçados a desmascararem-se e a mostrarem a sua verdadeira cara. As massas sentirão tanto mais necessidade de defender os seus dirigentes de vanguarda quanto mais estes se destacarem como os seus verdadeiros amigos e orientadores. Renegados e inimigos da classe operária e do povo, tais como Gilberto de Oliveira, Gabriel Pedro, Piteira Santos, Antonio de Sousa, José de Sousa, etc., não conseguem hoje enganar as massas, porque a luta os forçou a revelar a sua verdadeira cara.

Como o Partido nos tem ensinado, como a experiência nos diz a todo o momento e como é reafirmado no «Militante» 60, «Toda a força e invencibilidade do Partido residem, essencialmente, na sua ligação cada vez mais estreita com as massas, oblide através da defesa de todos os seus interesses e aspirações, em defesa da Paz».

«As células de fábrica e de empresa são a principal base de toda a organização do Partido, são a sua principal força. É nas fábricas e empresas que se encontra o principal campo de recrutamento de novos militantes para o Partido. É para o trabalho do Partido nas fábricas e empresas industriais que os organizadores do Partido têm de virer todas as suas atenções, pois é nas fábricas e empresas que se encontra concentrado o proletariado industrial, a parte mais combativa da classe operária».

(Resoluções da IV.<sup>a</sup> Reunião Ampliada)

GES  
PCP



# POR UMA MELHOR E MAIS AMPLA ORGANIZAÇÃO



## das Comissões de Unidade Camponesas

por MELO

A IV.<sup>a</sup> reunião ampliada do Comité Central colocou como tarefa fundamental «para todos os organismos do Partido que actuem em regiões camponesas o problema da organização e mobilização dos camponeses» (Resoluções sobre Organização). Salientou ainda que «as Comissões de Unidade camponesas são a forma natural de organização e mobilização das massas camponesas na sua luta pelo Pão, pela Terra, pela Paz e pela Democracia».

As experiências de todas as lutas camponesas indicam-nos que somente a organização permitirá unir e mobilizar amplas massas camponesas. E essa forma de organização reside nas Comissões de Unidade, nas Comissões de Praça de Jornas, de rancho, aldeia, monte e herdade.

Sem a acção das Comissões de Unidade formadas e eleitas no decorrer das lutas, unido e mobilizando largas massas de camponeses, assegurando a organização e firmeza das massas nos embates com o fascismo e os agrários, a maioria das lutas não teriam sido vitoriosas. Ao analisar as lutas travadas durante as ceifas, diz «O Militante» n.º 69: «As Comissões de Unidade tiveram um papel decisivo. Onde elas existiram houve lutas, houve vitórias e jornas elevadas. Onde as Comissões não existiram, houve fracas lutas e uma débil organização das massas e, portanto, jornas mais baixas».

As experiências mais recentes das lutas camponesas confirmam, mais uma vez, a justeza desta apreciação. Nas diversas concentrações junto das Casas do Povo e das autoridades fascistas, exigindo trabalho para os camponeses desempregados, onde não existiram Comissões, houve fraca mobilização dos camponeses desempregados, faltou firmeza e direcção na luta e, por isso, elas não foram em muitos casos completamente vitoriosas. Entretanto, na continuação destas mesmas lutas, elas tornaram-se vitoriosas a partir do momento em que foram formadas Comissões de Unidade ligadas às massas, o que garantiu uma maior unidade e firmeza na luta.

Na maioria das vezes, as Comissões de Unidade camponesas são formadas no decorrer das lutas e, terminadas estas, as Comissões dissolvem-se. Isto representa uma grave deficiência que ainda não soubemos eliminar. Sabemos que não é fácil manter durante largo tempo uma Comissão num rancho, dado que geralmente esse rancho se dissolve logo que termina aí o trabalho. Contudo, é possível e é de vital importância manter Comissões de Unidade permanentemente organizadas em todas as Praças de Jornas, aldeias, montes e herdades e, em cada rancho formado, formar uma Comissão.

Sem Comissões permanentes não poderá haver lutas permanentes e a falta de continuidade na luta faz muitas vezes diminuir as vitórias conquistadas. Os camponeses de Pias, Vale de Vargo e Aldeia Nova e outras regiões conquistaram importantes vitórias com as greves nas ceifas dos dois últimos anos, pois as jornas subiram a mais do dobro. Mas, porque afrouxaram a sua luta e dissolveram as suas Comissões logo que terminaram as ceifas, os agrários puderam novamente impôr jornas de fome. Os camponeses da região de Montemor, no ano passado, fizeram constantes concentrações, invadiram a Câmara Municipal e obtiveram trabalho para todos os desempregados, o que foi uma importante vitória. Porém, logo a seguir, dissolveram a Comissão de Unidade que conduziu toda a luta e, passadas uma ou duas

semanas, estavam de novo desempregados.

Tornar permanentes as Comissões de Unidade é, pois, de importância fundamental, pois somente a organização das massas permitirá assegurar a continuidade das lutas e das vitórias. Mas, para que possamos tornar permanentes as Comissões de Unidade camponesas, é essencial que elas sejam organismos vivos em estreita e continua ligação com as massas onde quer que actuem, na Praça de Jornas, no rancho, na herdade, no monte ou aldeia. É tarefa das Comissões discutir regularmente com as massas as suas reivindicações imediatas, assentar na jorna a exigir junto dos agrários, como e onde organizar uma concentração, exigindo trabalho ou pão, como orientar a luta por um melhoramento local, a luta contra a repressão e pela libertação dum companheiro que foi preso, a solidariedade a prestar a um camponês doente. É tarefa das Comissões mobilizar as massas para irem para as Casas do Povo e Praças de Jornas e aí realizar amplas reuniões de massas, discutindo as reivindicações dos camponeses, como o indica a rica experiência da luta das ceifas, em que se realizaram reuniões com centenas de camponeses para assentar na jorna a exigir aos agrários, reuniões que foram um factor decisivo no desencadeamento das greves e nas vitórias obtidas.

Todas as Comissões formadas às escondidas das massas são organismos sem vida e estão condenadas a desaparecer, além de que constituem um alvo fácil para a repressão fascista, precisamente porque actuam sem o apoio das massas. Mas as Comissões de Unidade tornar-se-ão permanentes e estarão sempre defendidas, se forem organismos vivos, sempre e sempre estreitamente ligados às massas, pois a acção massiva destas obriga a repressão fascista a recuar. As Comissões de Unidade só poderão ser um factor decisivo na condução das lutas, só poderão cumprir a sua missão, se forem formadas com o conhecimento e o apoio das massas.

Na localidade X, os camaradas do nosso Partido andaram a convidar isoladamente, vários camponeses para formarem uma comissão. Entretanto, noutra localidade, no decorrer duma concentração de dezenas de camponeses, um deles perguntou quem queria fazer parte duma Comissão. No primeiro exemplo, dada a forma como os nossos camaradas actuaram, isto é, às escondidas, quase todos rejeitaram fazer parte da Comissão. Porém, no segundo exemplo, isto é, em ligação com as massas, todos os camponeses responderam que queriam pertencer à Comissão.

Este último exemplo indica-nos a forma justa e acertada de formar uma Comissão, pois ela só será verdadeiramente uma Comissão de Unidade se tiver o apoio das massas, se tiver uma ampla constituição e nunca 3 ou 4 camponeses apenas como sucede com frequência. As Comissões só serão verdadeiramente de Unidade se forem constituídas por camponeses combativos e firmes, sem olhar às convicções políticas ou religiosas de cada um, e se tiverem a participação das mulheres, pois a acção das mulheres tornará mais ampla a luta e mais firme a unidade.

A experiência também indica que, para o desenvolvimento e condução firme de certas lutas, nomeadamente quando a luta adquire formas superiores, não são suficientes as formas vulgares de organização das massas. Quando há formas superiores de luta, impõem-se formas superiores de organização.



Em certos casos a luta tem exigido a criação de Comités de Greve e, noutros casos, a criação de Comissões de Unidade que organizem, mobilizem e orientem a luta, não numa aldeia ou herdade, mas sim em toda uma região. Consideremos um exemplo.

Foi sob a acção das várias Comissões de Unidade, criadas em Pias, Vale de Vargo e Aldeia Nova, que foi possível desencadear a greve durante as ceifas. Mas, apesar disso, não houve qualquer coordenação entre as Comissões das três localidades. No entanto, a situação e as perspectivas da luta exigiam que tivesse sido criada uma comissão que coordenasse a luta nas três localidades e que fizesse esforços (que não foram feitos), para atrair à greve os camponeses das localidades próximas e, nomeadamente, Serpa, Moura e Amarante. Se tal tivesse acontecido, outros milhares de camponeses teriam sido atraídos à luta, o que tornaria a vitória mais segura e mais ampla.

Consideremos outro exemplo. A já citada luta dos camponeses de Montemor, por Trabalho ou Pão, mobilizou camponeses das herdades e fazendas de Montemor, Moínhos da Ana e São Romão. Toda a luta foi conduzida por uma única Comissão e não foram criadas quaisquer outras Comissões. Contudo, a luta exigia a criação de comissões em várias aldeias, montes e herdades da região e a criação duma Comissão que coordenasse e conduzisse a luta de todas as Comissões formadas ou a formar em toda a região. Se isso tivesse acontecido, a luta teria sido mais larga, teriam sido mobilizados centenas de outros camponeses das localidades e localidades que também se encontravam desempregados, mas que não foram atraídos à luta e, nomeadamente, de Torre da Gadanha, Barranço e talvez mesmo Es-

coural e S. Cristóvão. Se assim fosse, a luta teria sido ainda mais firme e unida e teria garantido muito mais rapidamente a vitória, pois não há nada que o fascismo e os agrários mais temam do que a acção unida e massiva das massas.

Somente as necessidades impostas pelo desenvolvimento e características da luta nos deve orientar na criação destas e outras formas de organização. E, quando tal necessidade se impõe, não devemos hesitar na criação de Comissões de Unidade que coordenem e conduzam, simultaneamente, a luta das Comissões formadas ou a formar, nas várias Praças de Jornas, aldeias, montes, herdades e ranchos duma determinada região. O nosso Partido deve esforçar-se por dar às Comissões de Unidade camponesas uma função orgânica, procurando organizar as massas para as lutas em curso, para as lutas a desencadear, para as lutas imediatas e futuras. As Comissões de Unidade devem esforçar-se por organizar a luta nas aldeias e localidades com menores experiências e tradições de luta, fazendo deslocar aí grupos de camponeses com a preocupação de criar Comissões de Unidade e atrair à luta os camponeses dessas localidades e aldeias.

Devemos compreender que decretar ou improvisar lutas significa sujeitar as massas a todos os perigos. Não basta desencadear lutas, é necessário organizá-las. Para tornar vitoriosas as lutas de massas, é essencial organizá-las e criar organismos que conduzam as massas desde o início da luta até à sua vitória final. E esses organismos são as Comissões de Unidade camponesas que constituem uma potente arma para desencadear e conduzir acções de massas, para unir e mobilizar vastas massas de camponeses.

## AS QUESTÕES MORAIS NO SEIO DO PARTIDO

por VIEGAS



Para nós, comunistas, a moral não é uma questão à parte, uma questão particular ou uma ideia abstracta, fora do tempo, do meio e da vida.

Não há moral acima das classes e cada conjunto de reges morais é função e arma das classes em luta. A nossa moral é a moral do proletariado, a moral dos oprimidos e explorados pela burguesia reaccionária e traidora. Contudo, porque a nossa moral é a moral duma classe ascendente, duma classe cujos interesses se identificam com os da maioria esmagadora da nação, bem como com a luta pela libertação do homem no mundo inteiro, nós, comunistas, temos de ter a consciência de que a nossa moral é uma moral de tipo superior. E é-o, precisamente, porque, ao aceitarmos com toda a coragem física e moral, os sacrifícios que a luta pela vitória do proletariado impõe, estamos com os olhos postos no mais belo futuro para toda a humanidade.

Aqueles homens e mulheres comunistas que se furiam ao cumprimento da moral da classe operária, estão servindo a burguesia e a sua causa: a guerra, a exploração e a opressão. Não há, pois, uma terceira alternativa: ou se aceita e segue a moral proletária, ou se segue e serve objectivamente a burguesia. Esta a razão por que, tomando à alheia burguesia do mundo inteiro consciência desta realidade, está, neste momento decisivo da luta, desencadeando a mais monstruosa e infame campanha de segregação até hoje levada a cabo. O exemplo mais frisante de tal campanha é a intensa propaganda, através da rádio,

da imprensa, cinema e outros poderosos meios de comunicação, do «modo de vida americano», com os seus corolários de depravação sexual, de embrutecimento mental, de cosmopolitismo, ou seja, de passividade perante a dominação imperialista estrangeira, de ódio racial, de servilismo perante as classes dominantes, etc., etc. Estes são aspectos da moral da grande burguesia, onde fazem escola o cinismo, a duplicidade, a mistificação, a orgia, o adultério e todas as taras sexuais, o defraudamento dos bens públicos, a burla, o servilismo perante os americanos, etc., etc. Tal moral serve-lhe como arma, não só na medida em que sanciona os meios de luta mais cobardes e canalhas que ela utiliza, como ainda na medida em que consegue infiltrar tais ideias de corrupção, abdicção e traição à Pátria no seio das massas populares, da classe operária e até do nosso Partido.

A nós, comunistas, cabe o honroso e patriótico papel de vanguarda na luta contra todas as tentativas de corrupção do carácter do nosso Povo. Por isso, apesar da pureza moral que tem caracterizado a vida dos militantes do nosso Partido, temos de redobrar de vigilância, pois nem a título excepcional podemos permitir que no seio do nosso Partido se verifique a presença de pessoas de baixa moral, isto é, de moral anti-proletária, ou simplesmente dúbia.

Ora, a verdade é que nem sempre temos sido suficientemente vigilantes, prontos e enérgicos no combate a falhas de pouco elevada moral.

Assim, tem havido homens e mulheres que se ven-



dem ao inimigo de classe, traem o nosso Partido, quer na polícia, prestando declarações, quer cá fora, esforçando-se por organizar a provocação e a desagregação orgânica do Partido. É evidente que tais homens e mulheres não têm a noção de honra ou dignidade; são inimigos fideais e irreconciliáveis do nosso Partido e como tal devem ser tratados. Há, contudo, membros do nosso Partido que não só não odeiam tal gente, como o amor ao Partido impõe, como ainda objectivamente e desculpa, não levando para com ela uma atitude enérgica e de amplo desmascaramento junto das massas. Tais camaradas dão, assim, mostras de pouco elevado moral proletário, pois que as amizadezinhas pessoais são incompatíveis com o espírito do Partido.

Já houve casos de roubo do dinheiro do Partido. Sendo sagrado o dinheiro do nosso Partido, não pode haver qualquer razão para a prática de tão criminosos actos. É evidente que as pessoas que os praticam estão moralmente corrompidas e transformar-se-ão, assim, em agentes do inimigo, portanto, em inimigos do Partido. Há, contudo, membros do nosso Partido que, dando-se ares de pessoas «compreensivas», não tomam uma posição firme frente a tais galunos, revelando, assim, as suas incompreensões pequeno-burguesas, alheios ao Partido da classe operária.

Há homens e mulheres que, sendo membros do nosso Partido, tomam perante suas famílias, e particularmente junto de suas companheiras e companheiros, posições injustas, quer não se esforçando por atrair tais pessoas à nossa luta, quer, o que é muito pior, submetendo-se à passividade que tais pessoas pretendem impor-lhes. É evidente que os camaradas que se encontram nestas circunstâncias estão sendo incoerentes e têm de rectificar o seu modo de proceder. É evidente que tais ideias de obediência são incompatíveis com a coragem, obnegação e fidelidade ao Partido, qualidades estas indispensáveis a qualquer militante.

Há mulheres e homens que, julgando-se progressivos, fazem, contudo, uma vida sexual incompatível com a inteireza moral dum comunista. Outros, á que, sendo membros do nosso Partido, cometem neste aspecto graves faltas, indignas da pureza bolchevique que Lênine nos recomendou. É evidente que UMAS E OUTRAS PESSOAS SE DEIXARAM CORRUMPER PELOS VÍCIOS DA BURGUESIA. Os homens comunistas não são super-homens, são homens que como todos os outros têm necessidades que honradamente têm direito a satisfazer. Mas, neste como em todos os aspectos, os comunistas são homens que têm de dar o exemplo a todos os homens.

Há camaradas que, mercê da sua pouca força de vontade e quase sempre deixando-se arrastar por frágeis ilusões de felicidade burguesa, CRIAM A SI PRÓPRIAS SITUAÇÕES TÃO DIFÍCEIS E MOSTRAM TANTA INCAPACIDADE PARA RESOLVER TAIS SITUAÇÕES, QUE, MAIS TARDE OU MAIS CEDO, A SUA COMBATIVIDADE VEM, EM VIRTUDE DAS CONDIÇÕES QUE CRIARAM, A DIMINUIR. Eles deixam, assim, de contribuir para a luta tanto quan-

to o Partido está no direito de lhes exigir. Dificultando a sua própria vida, estão dificultando a realização das suas tarefas de comunistas. Tais camaradas precisam ser ajudados no sentido de compreenderem de facto que, para um verdadeiro comunista, tudo se tem de resolver em função das necessidades do nosso Partido e não para satisfação própria.

Há membros do nosso Partido que são presunçosos, vaidosos e gostem de dar nas vistas. É evidente que tais camaradas não podem realizar na sua acção quotidiana a modestia proletária, condição essencial dum comunista. Tais camaradas precisam ser reeducados e têm de expulsar de si estes defeitos burgueses. A não procederem assim, podem passar a servir de matéria prima à provocação ou a impedir a descoberta de provocadores. Tais camaradas, com a sua suficiência, são castradores de lutas. E TRANSPORTAM PARA O PARTIDO CONCEPÇÕES ANTI-PROLETARIAS.

Há homens, mulheres e jovens que têm cometido faltas reveladoras de pouco elevada moral comunista e que têm querido e sabido reabilitar-se. Devemos animar toda a recuperação moral; mas, ainda que não devemos prender as pessoas aos seus erros passados, não podemos nem devemos esquecer tais erros. É justo que tenhamos plena confiança nos homens e mulheres do nosso Partido, mas não é menos justo que exerçamos uma contínua vigilância de uns sobre os outros e sobre nós próprios. A confiança não descarta a vigilância, antes a implica.

Combatendo impietadamente e sistematicamente todo o desvio à moral da classe operária que entre nós ou no seio de qualquer movimento progressivo se verifique, para o que é indispensável um bom e contínuo uso da crítica e auto-crítica, estamos dando um passo fundamental na defesa da integridade moral do nosso Povo, contra todas as ideias dissolventes, corruptas e de traição nacional que, por intermédio de ideologias como a do «modo de vida americano», pretendem infiltrar-se no nosso país. Desmascaramos os olhos de toda a gente simples e honesta tais ideologias infames, é outra tarefa a que temos de medir ombros com redobrado vigor.

Será na medida em que os princípios enunciados nestes pontos servirem de base de orientação e de discussão em todos os organismos do Partido, que se elevará o seu nível ideológico e se elevará o nível ideológico e político dos seus membros.

Como disse Alvaro Cunhal, ao nosso Partido não é apenas uma escola de formação política como também uma escola de formação de carácter. Assim o tem sido e é efectivamente. É forjando-nos e educando todo o nosso Partido nos exemplos de militantes incorruptíveis como Bento Gonçalves, Alvaro Cunhal, Militão Ribeiro e tantos e tantos mais, que nós criaremos um Partido onde só haja ABNEGAÇÃO na defesa dos interesses do proletariado e das classes oprimidas em geral, na defesa da Paz, na defesa dos interesses do nosso país, FIDELIDADE ilimitada ao nosso Partido e à grande Pátria do Socialismo, FIRMEZA e intransigência frente ao inimigo de classe, MODESTIA!



«Em nenhuma condições um bom auxílio individual pode substituir com vantagem, para o progresso dos quadros, o trabalho num organismo colectivo. O trabalho individual cria muitas vezes nos militantes uma ideia de suficiência, radica no seu espírito a ideia de que são justas con-  
signas, formas erradas de actuação, conduz os militantes a uma acção descontrolada, e (quantas vezes, camaradas) alimenta-lhes a ideia de chefia e de indisciplina. O trabalho colectivo é uma  
necessidade em todo o nosso Partido para o desenvolvimento dos quadros».

ÁLVARO CUNHAL, «Informe de Organização ao II.º Congresso Hegai»